

Questões sobre a Dialética

Nildo Viana

1) Como se dá a relação sujeito/objeto segundo os teóricos dialéticos contemporâneos?

A concepção de dialética varia de acordo com os autores. Hoje, as concepções predominantes são a leninista, de caráter positivista, e a marxista. Para a concepção leninista, que se inspira na obra *Dialética da Natureza*, de Engels, o sujeito reproduz na mente a realidade. Esta tese é conhecida como “teoria do reflexo”, pois considera o conhecimento como reflexo da realidade no pensamento, tal como Lênin expôs em seu livro *Materialismo e Empiriocriticismo*. Esta tese tem um caráter mecanicista e não responde à várias questões, entre as quais não consegue explicar as diferenças no pensamento humano. Lênin foi duramente criticado por se auto-intitular marxista e apresentar uma concepção não-marxista do conhecimento. As duas críticas mais fortes à Lênin do ponto de vista marxista foram as feitas por Karl Korsch, em seu livro *Marxismo e Filosofia*, e Anton Pannekoek, no livro *Lênin Filósofo*. O sociólogo polonês Adam Schaff, em *História e Verdade*, tentou “aperfeiçoar” a concepção leninista e resolver um de seus problemas, colocando que o pensamento é um “reflexo ativo” e não meramente passivo, tal como se pode pensar a partir da leitura do referido livro de Lênin. Já o sociólogo Lucien Goldmann irá criticar esta posição dizendo que é uma “solução bastarda”.

A posição marxista surge com Karl Marx. Ele irá se inspirar em Hegel para elaborar sua concepção de dialética. Para Marx, a dialética hegeliana era idealista e devido a isto ele busca superar a concepção hegeliana. A dialética, em Marx, é um método de análise da realidade. Este método tem como pressuposto uma teoria da consciência. Marx não partia da “teoria do conhecimento”, cujo nascimento se dá no século 18, com John Locke e sim da teoria hegeliana da consciência. A teoria do conhecimento parte de uma separação abstrata e falsa entre sujeito e objeto, tal como irá denunciar Lukács em *História e Consciência de Classe* e em *Tecnologia e Relações Sociais*, comentário ao livro sobre materialismo histórico de Bukhárin. Para Marx, a relação primordial não é entre as duas entidades metafísicas chamadas sujeito e objeto e sim a que existe entre ser e consciência. Segundo Marx, a consciência não é nada mais do que o ser consciente. Que ser é este? É um indivíduo histórico, concreto, um ser social e histórico, que carrega em si uma cultura, valores, idéias, tradições, interesses, posição social, etc. Por isso ele afirma, “não é a consciência que determina a vida, mas, ao contrário, é a vida que determina a consciência”. Assim, a teoria marxista da consciência remete ao ser social, e, nas sociedades de classes, ao ser-de-classe dos indivíduos. A consciência aqui não é considerada mero produto da atividade intelectual ou reflexo da realidade e sim uma manifestação histórica e social dos seres que a desenvolvem. A própria atividade intelectual é constituída socialmente e as diversas concepções da realidade são produtos da divisão social do trabalho, que produzem seres sociais/conscientes diferentes, com relações diferentes, valores diferentes, culturas diferentes. Em outras palavras, as diferentes visões da realidade são produto da diferente posição dos indivíduos na realidade social. Assim, na teoria marxista não existe relação entre sujeito e objeto, e as concepções que trabalham com esta separação são criticadas pelos pensadores marxistas.

2) Quais são os pontos básicos da dialética?

O ponto básico do método dialético é a reconstituição do real no pensamento através do processo de abstração. Marx afirma que um físico ou químico pode usar a experimentação, o microscópio, etc., mas aquele que quer estudar a sociedade não pode utilizar estes recursos e por isso ele usa “a faculdade de abstrair”. A abstração significa a busca de compreensão de um fenômeno, da totalidade, reconstituindo o seu processo de constituição, através da decomposição dele em suas partes constituintes, visando descobrir suas determinações, e, principalmente, sua determinação fundamental. Assim, Marx diz que todo pesquisador parte das representações cotidianas, do fenômeno como algo “dado” (ou, em outras palavras, do senso comum). A partir da abstração vai descobrindo as múltiplas determinações do fenômeno, e ao descobrir a determinação fundamental com as demais determinações, ele reconstitui o real no pensamento enquanto concreto-pensado, determinado, isto é, assim ele completa o processo de reconstituição do real no pensamento. Após o desenvolvimento da teoria, ao invés de se partir do fenômeno como um “dado” (a consciência espontânea) passa-se a ter como ponto de partida a teoria e conceitos existentes e desenvolvidas por outras pesquisas.

Esta é a concepção de Marx, que difere de outras concepções de dialética, inclusive do seu colaborador Engels. Para Engels, a dialética possui três leis: a unidade e luta dos contrários, a mudança quantitativa que provoca uma mudança qualitativa, e a negação da negação. Esta concepção é metafísica e uma reprodução da concepção de Hegel, possuindo caráter idealista, entrando em visível contradição com a tese de Marx segundo a qual não é a consciência que determina a vida e sim o contrário. A partir do conhecimento destas leis já se sabe de antemão o que ocorrerá no futuro (e é aí que se tem a origem da tese da inevitabilidade do comunismo) e se encontra contradição em tudo. Esta posição é de orientação positivista e nada tem a ver com a de Marx.

3) Cite um princípio da dialética aplicado à educação e comente-o.

Na verdade, a dialética marxista não produz princípios e os aplica à realidade (este procedimento é compatível com a concepção de Engels, Lênin, Stálin e outros, mas não com a concepção de Marx). No caso, o método dialético poderia ser aplicado ao estudo de um fenômeno específico tal como as políticas educacionais atuais. Para compreender este fenômeno teríamos que buscar reconstituir seu processo de constituição. As políticas educacionais são políticas do Estado, e, portanto, são políticas estatais. Assim, torna-se necessário entender o que é o Estado e quais são os mecanismos de elaboração de suas políticas. O Estado não é uma entidade neutra que expressa os interesses do “povo em geral”, apesar de fazer este discurso. O Estado representa os interesses da classe dominante, tal como colocou Marx. As políticas estatais são produzidas pelo governo e aprovadas no poder legislativo e existem um conjunto de interesses e pressões por detrás disto. O FMI e o Banco Mundial, por exemplo, exercem forte influência nas ações estatais e em suas políticas. Os empresários da educação também pressionam o governo e o poder legislativo, além de possuir representantes diretos nesta instância. As organizações dos professores (sindicatos) e os meios de comunicação, as linhas partidárias, etc., também busca influenciar tal elaboração. As políticas educacionais atuais são comandadas pelas forças políticas mais poderosas, no caso os organismos internacionais, os partidos no governo e seu projeto político, os empresários da educação e por isso assumem características neoliberais, beneficiando a expansão do ensino privado e avançando no sentido de diminuir os custos do governo com a educação, apontando para um processo de privatização do

ensino superior. Esta tendência ocorre a nível mundial e faz parte de todo o processo de transformação contemporânea no processo da acumulação capitalista que encontra dificuldade em reproduzir e para isso precisa intensificar o processo de exploração tanto a nível nacional quanto a nível internacional. A educação é atingida por este processo que tem como uma de suas estratégias diminuir os gastos estatais. Assim, as políticas educacionais devem ser compreendidas como estando ligado às atuais necessidades da classe dominante e de reprodução do capitalismo. Esta análise partiu de um concreto-dado, tal como aparece imediatamente à consciência, tal como visto pelo “senso comum”. Depois descobriu suas determinações (organismos internacionais, empresários da educação, entidades representativas de professores, etc.) até descobrir a determinação fundamental (necessidades atuais da classe dominante). Assim, reconstituímos o real no pensamento – como uma totalidade – a partir da descoberta das suas múltiplas determinações e se torna um concreto-pensado, determinado. Este breve resumo, obviamente, não dá conta da riqueza do método dialético, mas apenas exemplifica simplificadamente seu procedimento.

Nota:

As perguntas foram feitas por alunas do curso de Pedagogia/UEG, para realização de trabalho para a disciplina Metodologia.

Nildo Viana

Professor da UEG – Universidade Estadual de
Goiás; Doutor em Sociologia/UnB
Autor de “*Escritos Metodológicos de Marx*”
(Goiânia, Alternativa, 2007), entre outros livros.